

REVISTA DE
HISTÓRIA
DAS IDEIAS



RELIGIÕES E CULTURAS

VOLUME 36. 2.^a SÉRIE - 2018

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FRANCISCO E OS DESAFIOS DA IGREJA CATÓLICA

Entrevista ao teólogo Andrés Torres Queiruga

por **Catarina Santos** (orcid.org/0000-0002-4255-367X),
Pedro Barreiro e **Susana Tomaz** (orcid.org/0000-0003-1804-2199)⁽¹⁾

Texto recebido em / Text submitted on: 18/07/2017

Texto aprovado em / Text approved on: 30/07/2017

O teólogo e padre galego Andrés Torres Queiruga foi convidado pelo padre Anselmo Borges, na sequência do lançamento do livro deste último, *Francisco – Desafios à Igreja e ao Mundo*, para a realização de uma conferência na Universidade de Coimbra, no dia 26 de maio de 2017. No final desta palestra, que encerrou a primeira edição presencial do novíssimo curso de História das Religiões, foi possível manter uma longa conversa com Andrés Torres Queiruga.

No entender de Anselmo Borges, o convidado é «o teólogo que vive no ativo que refletiu da melhor forma» sobre o confronto entre a Igreja e a Modernidade, bem como sobre o papel do Papa Francisco.

Andrés Torres Queiruga, formado nas áreas de teologia, humanidades e filosofia, foi professor de Teologia Fundamental no Instituto Teológico Compostelano e de Filosofia da Religião na Universidade de Santiago

(1) Alunos licenciados em Jornalismo e Comunicação pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em 2017.



de Compostela. Foi também o fundador da revista *Encrucillada: Revista Galega de Pensamento Cristián* e é antigo diretor da *Asociación Encrucillada*.

A polémica em torno da sua doutrina

Em 2012, ocorreu uma grande controvérsia no que diz respeito à doutrina do teólogo galego. Na sua origem esteve a posição teológica que Torres Queiruga defendia, nos tempos do Concílio Vaticano II, e uma má interpretação da sua linha de pensamento.

O *monitum* (advertência emitida a um clérigo em falta e que se acha em risco de receber uma penalização adicional) acerca de algumas das suas obras, por parte da Doutrina da Fé da Conferência Episcopal Espanhola, foi publicado numa Notificação. Várias foram, entretanto, as reinterpretações ensaiadas, como forma de reencontrar o verdadeiro significado desta tese teológica.

Quando questionado sobre tal acontecimento, Torres Queiruga afirmou tratar-se de «um fenómeno bastante corrente na Igreja e na História em geral, quando se tenta atualizar a mensagem e pensar de novo, num outro ambiente cultural». O teólogo acrescentou ainda que «a nota mostrou que não conheciam o meu pensamento» e que o julgaram sem estudar previamente o que eu expunha. De acordo com o que foi publicado, afirmou-se ter existido um amplo diálogo com o autor, afirmação que ele nega, uma vez que «nunca procuraram ter qualquer tipo de diálogo», apenas o informaram quando já estava prestes a ser publicada a Notificação.

No entanto, embora a crítica não desqualifique a obra, deforma bastante a perceção dos factos por parte de Torres Queiruga, assumindo-se, assim, que este estaria a distorcer os elementos da fé da Igreja.

Apesar de sempre ter dito estar disposto a realizar um pequeno colóquio ou a uma conversa para explicar o seu modo de pensamento, «isso nunca se fez, nem por escrito, nem tão pouco se atreveram a discutir o assunto pessoalmente». Contudo, mostra-se bastante recetivo ao diálogo, na medida em que defende que não se devem fazer julgamentos sobre algo tão sério sem um diálogo prévio e sem a mínima tentativa de compreensão, aspeto para o qual o Papa tantas vezes tem apelado.

Pensamento teológico

O estudo de Andrés Torres Queiruga baseia-se na integração do Cristianismo no contexto da modernidade, pelo que o teólogo afirma: «o que sucede é que, tanto na história como na cultura, vai-se sempre mudando, e os problemas e as questões vão-se modificando também».

O núcleo da sua teologia é uma reformulação que se move entre dois polos: o de repensar e adaptar os conceitos da teologia à autonomia das pessoas; e o de recuperar a experiência original da relação aberta com Deus.

De acordo com o que Torres Queiruga defende, pensar na identidade cristã na atualidade é ter sempre em vista as dimensões que a caracterizam. Como tal, é necessária clareza nos pontos que definem o contexto histórico em que se situa, de modo a manter o seu caráter atual. Desta forma, há um estímulo para que a identidade seja sempre lida como um processo de interpretação e adaptação ao contexto social vigente.

O teólogo acrescenta ainda a sua preocupação relativamente à necessidade de equilíbrio; caso contrário, a seu ver, a fé tornar-se-á incompreensível para a cultura atual.

A obra *Repensar a Teologia, Recuperar o Cristianismo*, redigida por vários autores de diferentes nacionalidades, é uma homenagem a Torres Queiruga. Ao longo do livro, várias são as questões abordadas e, posteriormente, analisadas de acordo com o pensamento do teólogo, tais como: o repensamento crítico da fé, a renovação da penitência e a questão do pecado e do perdão. Relativamente a esta obra, o padre galego afirma que o diálogo crítico «estabelece pontos fundamentais da minha teologia e representa o verdadeiro intuito do encontro teológico», realçando também que o que defende se baseia na sua interpretação e no que acha ser o mais correto.

O papel do líder da Igreja Católica

O líder mundial da Igreja Católica Romana é o bispo de Roma, o Papa; este tem o encargo de pastorear o seu «rebanho», ou seja, de orientar e dirigir os crentes da fé cristã. Esta posição engrandecedora e de enorme responsabilidade de Sumo Pontífice é atualmente ocupada pelo Papa Francisco, que foi eleito no conclave dos cardeais a 13 de março de 2013, após a renúncia do seu antecessor.

A renúncia do Papa Bento XVI, após cerca de sete anos de pontificado, constituiu um grande choque para alguns. Contudo, para Andrés Torres Queiruga, este acontecimento foi completamente normal e justificável, referindo ainda que, anteriormente, já se tinha falado na possibilidade de João Paulo II renunciar ao seu cargo, por motivos de saúde.

Para o teólogo galego, o papel do Papa é de extrema importância e se, em algum momento, seja por motivos de saúde seja por outras razões, este se aperceber de que não consegue exercer adequadamente o cargo, tem a possibilidade e o dever de renunciar, para o bem da Igreja Católica e dos seus crentes. Portanto, a renúncia do Papa Bento XVI, um homem de idade avançada e bastante doente, foi a atitude correta, pois não possuía condições para continuar a liderar a Igreja Católica. Assim, Andrés Torres Queiruga afirma que «esta (renúncia) foi consciente e explicada, logo, nesse sentido, é um acontecimento histórico muito positivo».

Papa Francisco: o Papa pastor

Desde a tomada de posse do Papa Francisco, este tem vindo a reestruturar a Igreja Católica, promovendo profundas mudanças e transformações, quer nos ensinamentos da fé cristã, quer na posição da Igreja face a problemas da atualidade.

Andrés Torres Queiruga acredita que o Papa atual é um homem que compreende, tanto quanto possível, qual é o seu papel perante a Igreja. Assim, o padre galego está convicto de que o Papa Francisco compreende que o seu encargo é o de pastorear a Igreja e não o de definir o todo, ou seja, não se trata de impor a teologia ou de guardar todo o poder para si, mas sim de guiar os crentes. Queiruga afirma que «o atual Papa compreendeu que era necessário voltar às raízes, aos preceitos de Jesus de Nazaré, onde o foco principal está no ensinamento de que Deus é universal (para todos), Deus é amor».

Deste modo, o Papa Francisco volta às raízes evangélicas e idealiza uma Igreja que segue Jesus de Nazaré, isto é, uma Igreja preocupada com o sofrimento das pessoas e na qual o ensinamento principal é o amor ao próximo. Este tipo de pensamento é vital nos dias de hoje para combater o terrorismo, a discriminação religiosa e a xenofobia, sendo claro que, tal como Andrés Torres Queiruga esclarece, «todas as religiões são verdadeiras, cada uma à sua maneira» (um tema que ele desenvolve

falando de «pluralismo assimétrico», real, mas não igualmente bem-sucedido em todas as religiões, tal como sucede em tudo o que é humano); por isso, devemos respeitar-nos e tolerar-nos uns aos outros.

Portanto, para o teólogo, somos uma comunidade de iguais, clarificando que, ao contrário do que acontece atualmente no mundo, quem manda entre nós não é quem detém o poder, mas sim «Deus, que em Jesus se manifestou como o servidor de todos».

Renovação da Igreja Católica: uma tarefa árdua

Um dos exemplos em que podemos comprovar o «caráter democraticamente evangélico» do Papa Francisco, segundo Torres Queiruga, ocorreu num sínodo de 2017. O sínodo é uma reunião convocada pela autoridade eclesiástica, onde se discutem variados assuntos, entre eles a doutrina cristã, a forma de atuação da Igreja e a posição desta perante certas temáticas. Nesse sínodo, foi possível testemunhar que o Papa Francisco está a tentar fomentar a renovação da Igreja Católica, algo que não tinha acontecido nos últimos pontificados, pois, regra geral, os Papas antecessores tentaram ao máximo deter e reprimir a evolução e inovação da Igreja depois do Concílio Vaticano II.

Todavia, o Papa Francisco não quis decretar forçadamente os seus ideais, tendo respeitado todas as decisões do sínodo, apesar de por vezes irem contra às suas convicções. Isto é, deixou bem claro o seu parecer, contudo, não impôs a sua opinião, apenas tentou persuadir e explicar a sua doutrina, deixando ao critério de cada bispo tomar a sua decisão.

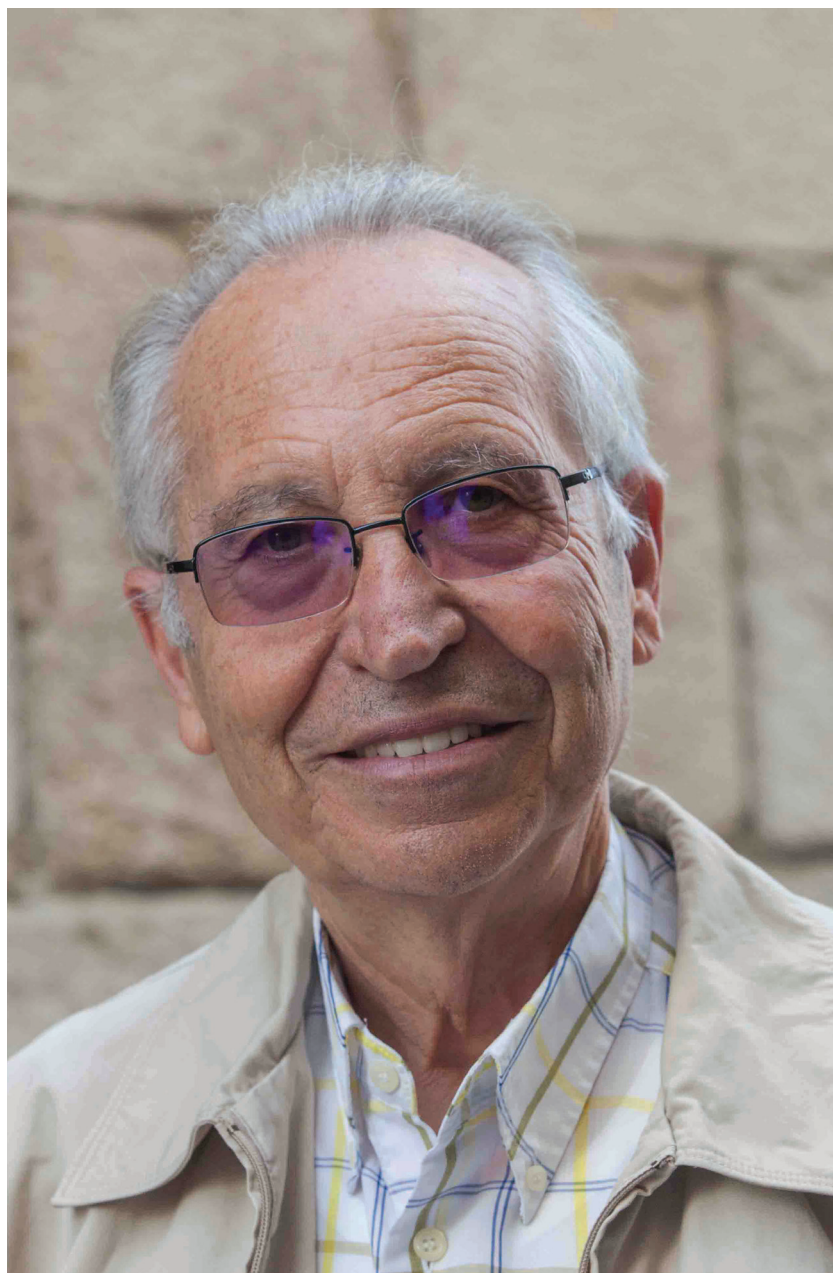
O padre galego Andrés Torres Queiruga declara o seguinte sobre o Papa Francisco: «Creio que ele está a fazer um bom trabalho, na medida em que está a revitalizar a Igreja e a criar um ambiente democrático para que esta entre em contacto com outras Igrejas, com o objetivo de trabalharem em conjunto para o bem da Humanidade».

Pedir perdão pelos erros passados?

A atitude do Papa Francisco de pedir desculpa pelos erros passados da Igreja Católica tem gerado grande controvérsia. Porém, para o padre galego, esta atitude parece-lhe «normalíssima», esclarecendo que, tal

*Francisco e os desafios da Igreja Católica.
Entrevista a Andrés Torres Queiruga*





como acontece na nossa vida, «existem coisas que fazem parte dela, mas que não nos deixam contentes, pois achamos que poderíamos ter agido melhor», ou seja, existem ações das quais nos arrependemos.

Semelhante situação acontece com a Igreja Católica; durante toda a sua existência histórica, ela distinguiu-se por ter praticado grandes ações, mas também grandes males ao Ser Humano. Logo, o facto de o Papa Francisco estar a pedir perdão pelo mal que a Igreja fez deve ser encarado como um exemplo a seguir pela sociedade civil. Assim, como Seres Humanos, temos o dever de nos arrepender dos erros que cometemos e, sobretudo, a obrigação de tentar melhorar e retificar estas ações, tal como o atual Papa está a fazer.

Possivelmente, um dos grandes Papas da História

O Papa Francisco prega um Deus misericordioso, que procura a paz e a justiça para todos. Para este, o fundamental é que todos tenhamos o suficiente, casa e pão, e que estejamos num ambiente seguro, livre e sem violência.

Portanto, como Andrés Torres Queiruga indica, o culto e os dogmas, apesar de serem essenciais, devem vir depois. Dado que é primeiramente necessário, tal como num hospital, «curar a pessoa ferida», a Igreja deve, em primeiro lugar, preocupar-se com os que sofrem, com os necessitados, com os pobres e com os marginalizados.

O teólogo acredita que este Papa possui um enorme carisma e uma extraordinária capacidade para encontrar e saber o que dizer, declarando ainda que «apesar do pouco tempo que passou desde a sua posse, está a promover tantas mudanças e a propor com tanta autenticidade os seus ideais que realmente está a mostrar ser um dos grandes Papas da História».

O movimento ecuménico e o contacto com outras religiões

Um dos principais momentos para a formação do movimento ecuménico foi o Congresso de Edimburgo, em 1910. Este congresso assumiu que as várias igrejas cristãs têm diferenças entre si, mas podem unir-se, mau grado as suas divisões. Como explica Andrés Torres Queiruga, nas

grandes confissões protestantes e no catolicismo há uma tentativa de juntar, porque poderíamos estar sempre unidos e respeitar as diferenças, «visto que não temos que coincidir em tudo, contanto que coincidamos no fundamental». Para esse efeito, é necessário «unir forças, não manter divisões».

Como exemplo desta união de forças, no dia 27 de junho de 2017 o Papa recebeu no Vaticano uma delegação do Patriarcado de Constantinopla. Numa intervenção divulgada pela sala de imprensa da Santa Sé, o Papa declarou: «O intercâmbio de delegações entre a Igreja de Roma e a Igreja de Constantinopla, por ocasião das respetivas festividades dos padroeiros, aumenta em nós o desejo de restabelecer a plena comunhão entre católicos e ortodoxos, que já a antecipam no encontro fraterno, na oração partilhada e no comum serviço ao Evangelho».

A crença do teólogo galego de que «no mundo há mais boa vontade do que má vontade» também o leva a defender o movimento ecuménico. Assim, é preciso estabelecer contactos entre as Igrejas cristãs, mas também com as diferentes religiões mundiais. É esta ação que o Papa Francisco desenvolve relativamente ao diálogo inter-religioso quando, por exemplo, convoca todos os dirigentes islâmicos, uma atitude que Torres Queiruga elogia.

Como explica este teólogo, «é realmente absurdo matar em nome de Deus, inclusivamente quando isso se faz em nome de Alá, em resultado de uma má interpretação». Só com a união entre a Igreja cristã e o islão moderado se pode combater o terrorismo e as ações extremistas que são desencadeadas em nome da religião.

É por isso que afirma que o atual Bispo de Roma «é uma pessoa que tem muito bem identificada a sua missão, não busca nada para si mesmo». O facto de em tão pouco tempo já ter promovido «tantas mudanças» e proposto «com tanta autenticidade os seus ideais» é um dos motivos para a passagem à História do Papa Francisco.